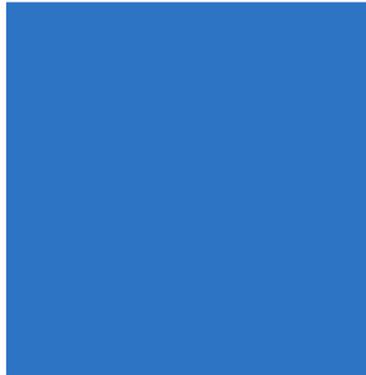


**museu
afro
brasil**
EMANOEL ARAUJO





CLARA GUERREIRA

O projeto constitui-se de uma mostra/exposição interativa a ser realizada no **Museu Afro Brasil Emanuel Araujo** em homenagem à **Clara Nunes**, importante e representativa intérprete da cultura negra brasileira.



Centenário da Portela

A exposição visa integrar as comemorações de 100 anos da Portela e conta com curadoria do biógrafo da artista, Vagner Fernandes.

A abertura está prevista para o primeiro quadrimestre de 2024 e será formada por 6 (seis) instalações interativas e imersivas que apresentam um amplo e diverso retrato de Clara e sua obra, além de ações educativas, programação cultural e uma publicação.



O MUSEU

O **Museu Afro Brasil Emanuel Araujo** é uma instituição pública, vinculada à Secretaria da Cultura, Indústria e Economia Criativa do Estado de São Paulo e administrada, há 19 anos, pela Associação Museu Afro Brasil - Organização Social de Cultura.

Localizado no Parque Ibirapuera, num pavilhão concebido pelo arquiteto Oscar Niemeyer, o Museu conserva em 11,7 mil m², um acervo com mais de 8 mil obras, com a missão de unir **História, Memória, Cultura e Contemporaneidade**, contemplando diversos aspectos dos universos culturais africanos e afro-brasileiros.

Mônica Bergamo

Mônica Bergamo é jornalista e colunista.



Rio esnoba exposição sobre Clara Nunes, que chega a São Paulo no segundo semestre

Mostra em homenagem à cantora morta há 40 anos terá ambiente multissensorial e referências à umbanda



31.mar.2023 às 15h45

Ouvir o texto A- A+

Cleo Guimarães

RIO DE JANEIRO Os [40 anos de morte de Clara Nunes](#) (1942-1983) serão lembrados com a maior exposição já realizada no país sobre a vida e a obra da intérprete mineira e ligada à Portela, que cantou a umbanda no Brasil. Idealizada por Vagner Fernandes, biógrafo da artista, a mostra será inaugurada no segundo semestre, no Museu Afro

inaugurada no segundo semestre, no Museu Afro Brasil Emanuel Araújo, em São Paulo.

Fernandes tentou levar a exposição para o Rio de Janeiro, sem sucesso. "Não conseguimos qualquer apoio por lá. Empresas e instâncias públicas nos viraram a cara, e São Paulo nos disse 'sim'". A direção executiva é de Robson Outeiro.



Clara Nunes desfila pela Portela em 1983, um mês antes de sua morte - Arquivo pessoal

A mostra terá ambientes multissensoriais, fotos, objetos e indumentárias do acervo pessoal de Clara, que atualmente se encontram no memorial dedicado à cantora em sua cidade natal, Caetanópolis (MG). "A ideia é partirmos das forças da natureza, que remetem aos orixás, para contar a história de uma das mais importantes intérpretes do país", diz Fernandes, também a curador do evento.

A exposição integra o Programa de Exposições 2023 do museu e ocupará, logo após a reforma, o Pavilhão Padre Manoel da Nóbrega, no Parque Ibirapuera.

Veja imagens da cantora Clara Nunes



Notícias sobre a exposição Clara Guerreira, que acontecerá em 2024.

ARTIGO

É preciso dar mais atenção à obra de Clara Nunes



Legado irrepresentável. Foto de Clara Nunes registrada por Wilton Montenegro que faz parte de exposição sobre a cantora no Museu de Arte do Rio

VAGNER FERNANDES*

Clara Nunes, que morreu há 40 anos após sofrer uma anafilaxia durante cirurgia de varizes, era uma extraordinária vendedora de discos. Foi a primeira das grandes vozes femininas a ultrapassar a marca das 100 mil cópias de um álbum, deixando para trás Gal, Bethânia e a própria Elis. Isso já justificaria o relançamento de sua obra em formato físico, em vinil ou CD. Seus discos não eram para se ouvir apenas, mas também para se apreciar, pois capas e

encartes levavam a experiências singulares. Na TV, ela explodia em musicais antológicos no "Fantástico". Clara foi uma cantora esteticamente impactante. Uma artista solar que, com indumentária, canto e dança assimilados das religiões de matriz africana, impôs respeito e dignidade às maiorias minoradas. Não foi no grito. Não foi lançando mão do "nós contra eles". Mas com o canto afetoso e o branco, cor mais presente em seu vestuário, identidade do povo de axé. Clara não era panfletária. Por isso circulou por meios tão

complexos quanto diversos. Frequentava as rodas de samba da Doca, em Oswaldo Cruz, como encantava quem pagava para vê-la no Mack-soud Plaza, hotel de luxo que não resistiu à pandemia. Clara merece muitas reverências por tanto que fez em tão pouco tempo. Gravou 16 álbuns, sendo que, desses, quatro não lhe deram o prestígio ansiado. A carreira de sucesso durou, de fato, oito anos. Desfilou pela Portela em fevereiro, internou-se sem alardes em março, morreu em abril de 1983, após 28 dias em coma.

Há uma nova geração que pesquisa sua obra, omitida sabe-se lá por que motivos pela gravadora Universal, detentora dos direitos após incorporação da EMI. A caixa com sua discografia completa virou tabu. Muitos pedem, mas são ignorados. Dois vinis, recém-lançados em edição especial, "O canto das três raças" e "Brasil mestiço", têm feito sucesso. Mas para comprar o segundo é necessário se associar a um clube do vinil, cuja mensalidade não é barata. Para uma cantora que arrebatou multidões, o que vem sendo ofertado é pouco dian-

te de sua grandiosidade histórica na música popular do Brasil. No streaming, há uma desorganização da obra que merece ser revista. O antológico "Poeta, moça e violão", de 1973, está de fora. É o registro de um projeto importante, que Clara protagonizou ao lado de Vinícius e de Toquinho, dando-lhe o status de estrela da MPB. É preciso que a gravadora dê mais atenção à obra de Clara Nunes.

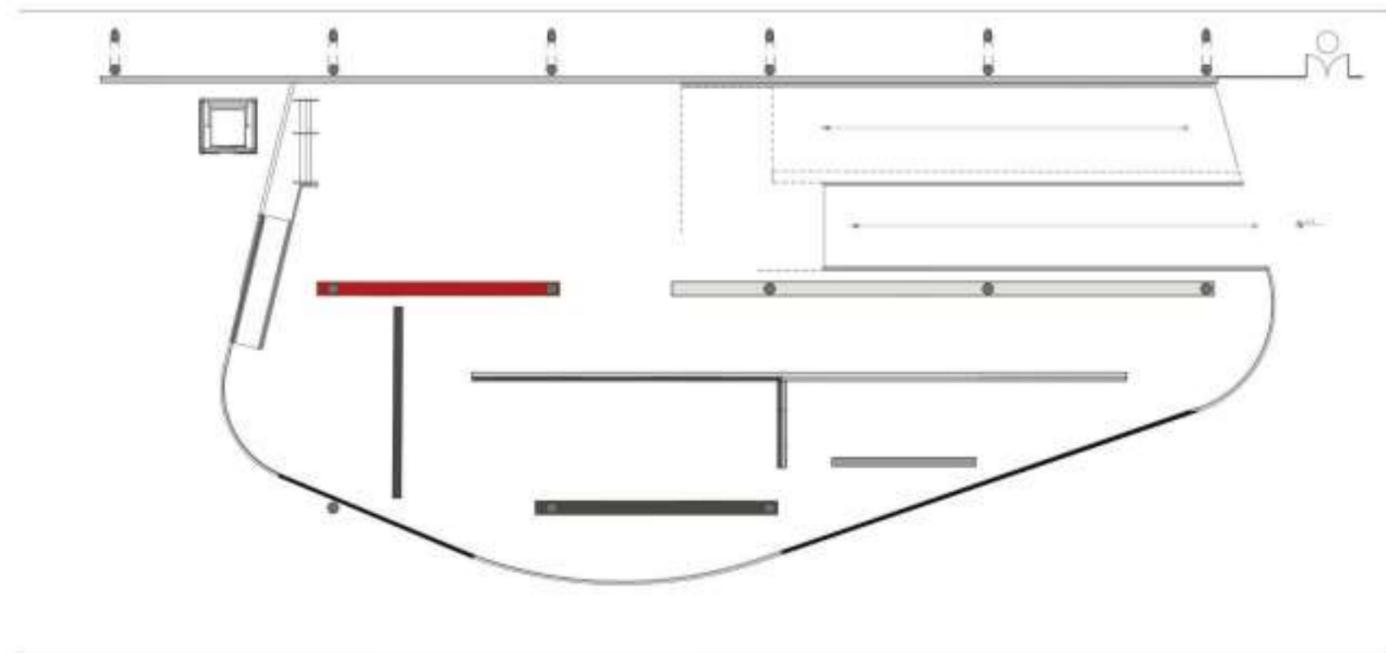
Quando o mestre capoeirista Môa do Katendê foi morto em Salvador numa discussão política, seu velório no Pelourinho foi embalado pelo "Canto das três raças", canção com a qual Clara, de forma didática, apresentou-nos que somos fruto de uma miscigenação incondicional entre pretos, brancos e índios. A pauta continua na ordem do dia. Clara foi pioneira a tocar em tema tão delicado em 1976. Em quatro décadas de atuação, a guerreira mantém-se presente. Foi enredo de escolas de samba ao menos três vezes; ganhou homenagem numa infinidade de espetáculos; serviu de tema de mestrado e doutorado; vem sendo disputada por plataformas de streaming que desejam contar sua história. Este ano, a mineira que adotou o Rio será celebrada com a maior exposição sobre sua vida e obra no Museu Afro Brasil Emanuel Araújo, em São Paulo. Apesar dos que lhe viram as costas, Clara resistiu ao tempo e aos que investem fortunas em campanhas com influenciadores, mas não deixou de ser lembrada. A preservação da memória de fundamentais personagens que ajudaram no alicerçamento da cultura brasileira.

*Biógrafo de Clara Nunes

ESBOÇO DO PROJETO CURATORIAL

A exposição contará com seis instalações/experiências imersivas que ocuparão o espaço reservado para o projeto, dentro do Museu Afro Brasil Emanuel Araujo.

A mostra contará com sonorização e ambientação digital.



Planta do local escolhido para receber a exposição "Clara Guerreira", no Museu Afro Brasil Emanuel Araujo.

O espaço dedicado à exposição possui cerca de 800 m².

Fotografias piso inferior do Pavilhão Manoel da Nóbrega, projeto assinado por Oscar Niemeyer, onde se situa o Museu Afro Brasil Emanuel Araujo, com a exposição atualmente em cartaz.



Imagens-exemplo de obras e exposições imersivas, que apontam alguns dos caminhos possíveis para a expografia imersiva proposta neste projeto.



'B.B. King:

Um Mundo Melhor em Algum Lugar



'B.B. King:

Um Mundo Melhor em Algum Lugar



'B.B. King:

Um Mundo Melhor em Algum Lugar



'B.B. King:

Um Mundo Melhor em Algum Lugar



'B.B. King:

Um Mundo Melhor em Algum Lugar



Museu Itinerante Ponto UFMG

2019



Obra Leandro Erlich, Swimming pool

1999



Oceanos, Imersão em Azul

Exposição Farol Santander

2023



COTAS/PATROCÍNIO e CONTRAPARTIDAS a combinar

Projeto inscrito na Lei Federal de Incentivo à Cultura por
parceiro do Museu



OPORTUNIDADES DE DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL

FAÇA PARTE:

CONTATO

Sandra Mara Salles - sandra.salles@museuafrobrasil.org.br

Caelí da Silva Gobbato - caeli.gobbato@museuafrobrasil.org.br